

# A descolonização do Algoritmo

---

Éticas, Vieses e Justiça Social



# A descolonização do Algoritmo

---

Éticas, Vieses e Justiça Social

por *José Moreira*

**©José Moreira, 2025** Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida por quaisquer meios — eletrónicos, mecânicos, fotocópia, gravação ou outros — sem autorização prévia por escrito do autor.

**Título:** A Descolonização do Algoritmo: Éticas, Vieses e Justiça Social

**Autor:** José Moreira

**Edição:** 1.<sup>a</sup> edição

**Editora:** Bookmundo

**ISBN:** 9789403859736

**Ano de Publicação:** 2026

**Capa e Paginação:** José Moreira

**Impressão:** Impresso em Espanha por Podiprint

## **Dedicatória**

Ao Lourenço Ribeiro e ao Bruno Campos, pela colaboração no nosso trabalho sobre os Trabalhadores da Plataformas e o fenómeno Uber Eats, para a disciplina de Sociologia do Trabalho da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), que serviu de ideia base a este livro.

## **Nota do Autor**

A reflexão que aqui apresento nasce de um percurso acadêmico e profissional marcado pela sociologia, pela prática no terreno e por uma inquietação crescente perante o impacto social das tecnologias contemporâneas. Ao longo dos anos, observei como os discursos sobre neutralidade, eficiência e inovação escondem, com demasiada frequência, desigualdades que se aprofundam silenciosamente. Este livro não pretende oferecer respostas fechadas, nem propor soluções tecnocráticas, mas antes contribuir para um debate crítico e informado sobre o papel dos algoritmos numa sociedade que se quer justa e democrática.

A obra estrutura-se a partir de diálogos entre teoria, investigação empírica e análise sociológica, procurando revelar os modos subtis — e, por vezes, violentos — através dos quais os sistemas algorítmicos reproduzem hierarquias sociais. O objetivo não é demonizar a tecnologia, mas situá-la historicamente, compreendê-la nas suas relações de poder e questionar as premissas sobre as quais tem sido construída.

Enquanto autor, deposito nesta obra a convicção de que pensar a tecnologia é, inevitavelmente, pensar a sociedade, e que o futuro dos algoritmos não pode ser separado das lutas por igualdade, direitos humanos e justiça social.

## Índice

|   |    |
|---|----|
| Introdução.....   | 9  |
| Capítulo 1 — O Algoritmo não é neutro .....   | 10 |
| Capítulo 2 — A Produção social do dado .....  | 19 |
| Capítulo 3 — Racismo Algorítmico: da discriminação<br>codificada à violência doméstica.....       | 29 |
| Capítulo 4 — Sexo, género e algoritmos: a reprodução digital<br>do patriarcado .....              | 40 |
| Capítulo 5 — Capacitismo e exclusão digital: quem fica de<br>fora.....                            | 48 |
| Capítulo 6 — Classismo a algoritmos: a reforçar barreiras<br>sociais .....                        | 56 |
| Capítulo 7 — Vigilância, privacidade e poder: a sociedade<br>sob observação algorítmica.....      | 64 |
| Capítulo 8 — Transparência, responsabilização e<br>governança: quem controla os algoritmos? ..... | 72 |
| Capítulo 9 — Democracia algorítmica: participação cidadã e<br>controlo social da IA.....          | 80 |
| Capítulo 10 — Ética e justiça algorítmica: fundamentos para<br>uma IA inclusiva e equitativa..... | 86 |
| Capítulo 11 — Estudos de caso: algoritmos, justiça e<br>exclusão.....                             | 93 |

|  |     |
|--|-----|
| Capítulo 12 — Caminhos para uma IA descolonizada: políticas, educação e transformação social ..... | 100 |
| Capítulo 13 — Ecologias digitais e o sul global: entre extração, dependência e resistência .....   | 107 |
| Capítulo 14 — A infraestrutura invisível: dados, poder e extração no capitalismo algorítmico.....  | 125 |
| Capítulo 15 — Inteligência artificial e democracia global: riscos, resistências e futuro.....      | 134 |
| Conclusão .....  | 149 |
| Agradecimentos .....   | 150 |
| Referências bibliográficas .....   | 151 |
| Biografia.....   | 155 |



## Introdução

Vivemos numa era em que algoritmos e inteligência artificial moldam decisões em praticamente todos os domínios da sociedade: educação, emprego, saúde, justiça, finanças, redes sociais e segurança. Apesar da aura de neutralidade e objetividade, estes sistemas não são neutros. Pelo contrário, refletem escolhas humanas, estruturas históricas e relações de poder que, muitas vezes, reproduzem e exacerbam desigualdades existentes.

Este livro propõe olhar criticamente para os algoritmos como artefactos sociais, questionando a ideia de tecnologia como ferramenta imparcial. Ao longo dos capítulos, foi explorada a forma como a IA reproduz vieses raciais, de género, classe e capacidade, perpetua exclusões e normaliza práticas de vigilância e controlo.

O objetivo central é mostrar que descolonizar a inteligência artificial não é apenas uma questão técnica, mas um projeto social, político e ético. Para isso, é necessário combinar **transparência, participação cidadã, educação crítica, regulação ética e design inclusivo**. Este livro oferece análise teórica, estudos de caso concretos e caminhos para construir uma IA mais justa, inclusiva e responsável.

# **Capítulo 1 — O Algoritmo não é neutro**

## **1. A ilusão da objetividade técnica**

Durante décadas, a ideia predominante foi a de que os sistemas computacionais eram instrumentos transparentes, imparciais e fiéis à lógica matemática que os sustentava. A crença na neutralidade tecnológica — tão presente nos discursos de empresas, governos e até de comunidades científicas — assentava na noção de que a máquina apenas executa. Faz o que lhe mandam fazer. Mas esta visão ingénua ignora um facto sociologicamente evidente: toda a tecnologia é uma construção humana inserida num mundo desigual, estratificado e marcado por relações de poder.

O algoritmo, ao contrário da narrativa dominante, não é um espelho límpido da realidade. É uma lente. E todas as lentes distorcem. Umas mais, outras menos. O ponto crucial é que estas distorções não são aleatórias: tendem a reproduzir os padrões sociais que moldam os dados e as decisões que lhes dão origem. Quando alimentamos sistemas de IA com informações produzidas historicamente em ambientes racializados, hierarquizados e desiguais, o que esperamos que a máquina aprenda? Não aprende a justiça; aprende a regularidade. Não aprende a igualdade; aprende a repetição estatística.

É precisamente aqui que surge a necessidade de descolonizar o algoritmo: reconhecer que o problema não é

a matemática em si, mas sim o modo como esta é usada para naturalizar desigualdades pré-existentes.

## **2. A “jaula de ferro 2.0”: racionalidade instrumental convertida em opacidade**

Max Weber, ao falar da “jaula de ferro” da modernidade, alertou-nos para o modo como os sistemas de racionalização burocrática podiam aprisionar a ação humana, transformando regras e procedimentos em fins em si mesmos. Hoje, esse mecanismo tornou-se ainda mais opaco. Se antes as pessoas podiam contestar uma decisão burocrática, agora enfrentam um algoritmo cuja lógica é, muitas vezes, inacessível — mesmo para quem o desenvolveu.

A IA acrescenta uma camada de profundidade a esta jaula. Não se limita a aplicar normas; produz normas invisíveis, criadas a partir de massas de dados recolhidos sem contexto. A máquina classifica, antecipa, filtra, recomenda. Toma decisões que influenciam vidas concretas: quem recebe crédito, quem é alvo de vigilância policial, quem tem acesso a um emprego, quem é considerado um risco.

A racionalidade instrumental, agora convertida em cálculo estatístico, escapa ao escrutínio social. Tornou-se uma racionalidade automática, que age em nome da eficiência, da otimização e da previsão — mas sem confrontar a origem

dos próprios dados. Assim, a jaula de ferro contemporânea já não tem barras visíveis. Tem linhas de código.

### **3. O que é, afinal, um viés algorítmico?**

Num plano técnico, o viés algorítmico é uma distorção sistemática que afeta o desempenho de um sistema. Mas a explicação técnica é insuficiente para compreender o fenómeno. O viés algorítmico é, antes de mais, uma questão social: a presença de desigualdades históricas na maneira como recolhemos, organizamos e usamos informação para treinar sistemas de IA.

Do ponto de vista sociológico, um viés é uma escolha — seja consciente ou inconsciente — sobre o que considerar relevante, legítimo, mensurável. E sempre que fazemos escolhas, fazemos política.

Um sistema de vigilância urbana que reconhece pior os rostos de pessoas negras não falha por limitações tecnológicas; falha porque foi treinado com conjuntos de dados predominantemente compostos por rostos brancos. Um sistema de recomendação laboral que penaliza currículos femininos não é um erro; é a reprodução de padrões de discriminação existentes no mercado de trabalho. Um algoritmo que atribui risco criminal mais elevado a bairros periféricos não está a prever o futuro; está a repetir o passado.

É por isso que o viés algorítmico não pode ser corrigido apenas com engenharia. Tem de ser discutido à luz de teorias sociológicas sobre poder, desigualdade, racialização e exclusão.

#### **4. O problema não é a tecnologia — é a história inscrita nos dados**

Os dados, frequentemente apresentados como factos neutros, são construções sociais. São produzidos por instituições com lógicas específicas, por governos com prioridades políticas, por empresas com interesses económicos. A própria ausência de dados é reveladora: quando determinadas populações não aparecem em bases de dados, isso não é um acidente; é sinal de invisibilização social.

É por isso que os algoritmos, ao serem treinados com dados históricos, absorvem a memória das desigualdades. E esta memória não é neutra: está carregada de racismo estrutural, sexismo, classismo, xenofobia, heteronormatividade, adultocentrismo e capacitismo. Um algoritmo que aprenda a partir deste passado não pode produzir futuro mais justo, a menos que seja explicitamente instruído para o contrariar.

O que hoje chamamos “inteligência artificial” é, em grande medida, uma forma de estatística automatizada. E a estatística não explica o mundo; descreve-o segundo

padrões detetáveis. A questão crítica é: queremos que o futuro seja uma extrapolação linear do passado?

A descolonização do algoritmo significa quebrar esta lógica de continuidade. Significa devolver contexto aos números, criticidade aos processos e humanidade às decisões.

### **5. Por que razão a neutralidade tecnológica é um mito persistente?**

A ideia de que a tecnologia é neutra é confortável. Exonera quem a cria e tranquiliza quem a usa. Mas é um mito. A neutralidade tecnológica subsiste porque:

1. **É conveniente para as corporações**, que evitam responsabilidade moral ao atribuir decisões à máquina.
2. **É funcional para Estados**, que se apoiam na objetividade aparente para legitimar políticas securitárias ou de controlo social.
3. **É sedutora para a sociedade**, que tende a confiar mais em números do que em pessoas.
4. **É reforçada por discursos etnocêntricos**, que apresentam a IA como inevitável, natural e imparável.

Ao desafiarmos a neutralidade, desafiamos também as estruturas que beneficiam da sua manutenção. Todos os sistemas de poder procuram tornar-se invisíveis; os algoritmos são uma forma moderna dessa invisibilização.

## **6. Algoritmos como dispositivos de poder**

Michel Foucault teria encontrado nos algoritmos um exemplo perfeito de biopoder: mecanismos de gestão de populações que atuam de forma distribuída, silenciosa, contínua. Os algoritmos não governam como um soberano; governam como uma norma. Não impõem pela força; impõem através da previsão, da filtragem, da avaliação.

A IA participa em processos de governação difusa: decide quem é “normal” e quem é “desvio”, quem é “produtivo” e quem é “risco”, quem merece crédito e quem merece suspeita. É um dispositivo disciplinar com aparência de eficiência.

Ao mesmo tempo, os algoritmos atuam como mecanismos de fetichização, no sentido marxista: transformam relações sociais em relações entre números, ocultando a origem humana das escolhas e injustiças que codificam.

Descolonizar o algoritmo implica reapropriar o controle político sobre estes dispositivos, devolvendo às sociedades o poder de decidir os critérios que organizam a vida coletiva.

## **7. A construção social das categorias algorítmicas**

Cada categoria que um sistema de IA usa para classificar o mundo resulta de decisões humanas: o que conta como fraude, quem é “suspeito”, o que é “adequado” para um

determinado emprego, como se define “risco”. Estas categorias não são naturais; são convenções.

Assim, um algoritmo nunca interpreta a realidade tal como ela é. Interpreta a realidade tal como foi estruturada por quem escolheu as variáveis. E estas escolhas refletem sempre visões do mundo — algumas explícitas, outras profundamente enraizadas.

Para entender isto, basta observar como categorias como “raça”, “género”, “classe social” ou “deficiência” são tratadas pelos sistemas: ora são ignoradas, ora são usadas de forma acrítica, ora são absorvidas através de proxies disfarçados (como códigos postais, padrões de consumo ou trajetórias escolares).

A neutralidade cai por terra quando percebemos que cada variável é uma forma de poder disfarçada de técnica.

## **8. Porque é que o debate não é apenas técnico — é ético e político?**

A discussão pública tende a centrar-se em questões técnicas: otimizar modelos, corrigir erros, melhorar a precisão. Mas estas são preocupações de segundo nível. O problema principal é ético e político: quem controla os critérios que organizam a vida social? Quem define o que é justo? Quem determina o que deve ser otimizado?